



## Carta pedagógica como memória: experiência da autoformação na pós-graduação

*Pedagogical letter as memory: the experience of self-formation in  
postgraduate studies*

**Ana Carla Pimenta de Oliveira Carneiro**

Universidade do Estado da Bahia, <https://orcid.org/0009-0005-2856-5796>,  
[anaxpim@gmail.com](mailto:anaxpim@gmail.com)

**Anne Caroline dos Santos Souza**

Universidade do Estado da Bahia, <https://orcid.org/0009-0001-0903-2266>,  
[annecaroline674@gmail.com](mailto:annecaroline674@gmail.com)

**Ana Paula Silva da Conceição**

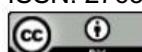
Universidade do Estado da Bahia, <https://orcid.org/0000-0002-6958-7749>,  
[apsconceicao@uneb.br](mailto:apsconceicao@uneb.br)

### Resumo

Este relato de experiência é fruto da culminância do componente curricular: Formação do Educador, do curso de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia campus-I para os níveis de mestrado e doutorado da linha dois: Educação, Práxis Pedagógica e Formação do Educador. A carta pedagógica aqui é tratada como dispositivo formativo e um convite à escrita e reflexão sobre autoformação. Inspirada nas cartas Freirianas, este texto tem como objetivo promover a reflexão crítica e construção de saberes a partir da escrita e da partilha de experiências vividas no campo da educação. É um texto qualitativo e tem como inspiração metodológica a narrativa.

Palavras-chaves: Autoformação; Carta Pedagógica; Formação do Educador; Narrativas.

Revista Conexão ComCiência,  
Fortaleza, n.1, v.6, e16673, 2026  
ISSN: 2763-5848



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons  
Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



## Abstract

This experience report is the culmination of the curricular component: Educator Training, of the Postgraduate program in Education and Contemporaneity at the State University of Bahia Campus I for the master's and doctoral levels of track two: Education, Pedagogical Praxis, and Educator Training. The pedagogical letter here is designed as a training tool and an invitation to write and reflect on self-education. Inspired by Freire's letters, This text aims to promote critical reflection and the construction of knowledge through writing and the sharing of lived experiences in the field of education. It is a qualitative text with narrative as its methodological inspiration.

Keywords: Self-training; Pedagogical Charter; Teacher Training; Narratives.

## 1 Introdução

As Cartas Pedagógicas emergem como uma modalidade de escrita inspirada em Freire (2019), uma vez que o autor, para refletir sobre as suas vivências e sua experiência no exílio, utilizava-se de cartas para dialogar com o mundo. Partindo desse pressuposto, escolhemos a forma de carta para compartilhar olhares, aprendizados, experiências vividas ao cursar o componente: Formação do Educador, que é um componente específico para discentes da linha dois: Educação, Práxis Pedagógica e Formação do Educador do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Embora a Carta Pedagógica compartilhe a matriz narrativa com o Relato de Experiência, ela se distingue pelo seu compromisso intrínseco com a práxis política e o diálogo. Conforme defendido por Dickmann (2020), a Carta Pedagógica transcende a mera descrição de vivências, pois é dotada de uma intencionalidade política e pedagógica que visa a conscientização, sendo um dispositivo que mobiliza autoformação pela reflexão crítica sobre a coerência de nossas ações e pensamentos.

Este texto narrativo é fruto das reflexões construídas por duas professoras e pesquisadoras, uma a nível de mestrado e outra a nível de doutorado que têm a formação do educador como centro dos seus respectivos objetos de pesquisa. O componente foi cursado no período de agosto a dezembro de 2024 e as reflexões aqui sistematizadas tem como objetivo promover a reflexão crítica e a construção de saberes a partir da escrita e da partilha de experiências vividas no campo da educação.





A carta pedagógica aqui é vista como uma forma de praticar o diálogo na escrita e a comunicação da prática educacional. “São vozes que se cruzam, que expressam sentimentos, sonhos, opiniões e angústias de forma espontânea” (Camini, 2012, p.42), Freire (2019), conta-nos que as Cartas Pedagógicas tinham um propósito que o inquietava, pois:

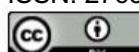
[...] escrever umas cartas pedagógicas em estilo leve cuja leitura pudesse interessar jovens pais e mães quanto, quem sabe, filhos e filhas adolescentes ou professoras e professoras que chamadas à reflexão pelos desafios em sua prática docente, encontrassem nelas elementos capazes de ajudá-los na elaboração de suas respostas. Cartas pedagógicas em que eu fosse tratando problemas, destacados ou ocultos, nas relações com as filhas e filhos, alunas e alunos na experiência do dia a dia (Freire, 2019, p. 31)

Desta forma, conhecer, pesquisar, ler e escrever Cartas Pedagógicas nos possibilita uma interação mais aprofundada com os outros e demonstra que não nos limitamos a criar coisas novas ou reinventar as antigas. Dickmann (2020) acrescenta que a diferença de uma Carta Pedagógica para uma carta comum é que aquela além de produzir conhecimento, tem uma postura política claramente definida, e destaca:

Ela tem intenção clara de ser instrumento de diálogo, e, assim, ser pronunciamento do mundo. A postura de quem dialoga é, intrinsecamente, progressista. O fruto desse diálogo só pode ser a evolução de quem dialoga. A carta pedagógica porque é política, e é política porque é pedagógica (Dickmann, 2020, p. 42).

Portanto, as Cartas Pedagógicas sendo dialógicas, são potentes instrumentos de conscientização das relações humanas e de cunho político, sendo as suas reflexões impulsos para possíveis mudanças e motor para transformação da realidade ainda vivenciada no contexto da educação pública brasileira. Ao utilizar as Cartas Pedagógicas como dispositivo metodológico implica buscar coerência política no modo como vivemos, falamos, pensamos e agimos.

Sua escrita também é um convite para a autoformação, pois, ao narrar o educador reflete sobre sua própria prática, transformando a experiência vivida em conhecimento pedagógico reelaborando sentidos e reconhecendo saberes. Diferente de textos acadêmicos tradicionais, a Carta Pedagógica carrega emoção, subjetividade e





memória, ressignificando o lugar do educador como sujeito histórico, sensível e produtor de conhecimento.

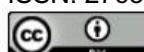
## 2 Metodologia

Ao longo do último semestre, mergulhamos na rica experiência proporcionada pelo componente Formação do Educador. Esta etapa da pós-graduação foi um momento significativo de reflexão, troca e crescimento, não apenas acadêmico, mas também pessoal. A ementa do componente, com seu foco no estudo crítico sobre a constituição da profissão docente e suas relações com a formação do educador na contemporaneidade, revelou-se um guia potente para enfrentar os desafios e potencialidades de uma formação em alto nível. Este percurso, guiado pelas reflexões críticas sobre as dimensões sócio-históricas e contemporâneas da docência, permitiu-nos revisitar e ressignificar nossas próprias trajetórias como educadoras.

A análise da profissão docente como uma construção histórica e social, como destacado na ementa do componente estudado, trouxe à tona questões fundamentais sobre identidade, profissionalização e os desafios que permeiam a educação na contemporaneidade. Enfrentamos questionamentos sobre os limites e potencialidades do papel do educador em uma sociedade marcada pela complexidade das desigualdades.

O espaço de estudo e diálogo possibilitou não apenas um aprofundamento teórico, mas também a conexão direta com nossa prática enquanto educadoras, especialmente no campo da Educação Infantil. Revimos nossas concepções sobre formação inicial e continuada, reconhecendo a importância de redes e coletivos docentes na transformação da prática pedagógica.

Ao imergir em sua narrativa, mediado pelo olhar do outro que se configura como seu par no processo pedagógico, o narrador passa a estabelecer outros pensares e desse modo inaugura, numa rede colaborativa, a construção autoral dos saberes instituídos no seu fazer docente. O vivido reveste-se de novos sentidos, demarcado por reflexões que extrapolam o universo circunscrito à sala de aula. (RIOS, 2022. P.25)



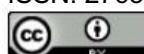


Para escrever a presente carta, pensamos em relatar brevemente os pontos que se destacaram no curso do componente curricular Formação do Educador. É importante destacar que as leituras que fizemos, refletem a visão que temos no momento, de acordo com nossas concepções e experiências profissionais. Sendo assim, os pontos que destacamos são importantes para nós, conforme nossa visão, enquanto educadoras da Educação Infantil da rede pública. E, como Freire afirma em seu livro *Professora sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar* (1997), somos sujeitos históricos, portanto, refletirmos em nossa leitura e escrita aquilo que somos no momento em que o fazemos.

Ao escolhermos a Carta Pedagógica e a narrativa como inspiração metodológica, compreendemos o movimento da escrita como um ato formativo. Neste sentido, a carta se configura como gênero de escrita singular, pois rompe com o distanciamento formal dos textos acadêmicos tradicionais, permitindo uma aproximação subjetiva, dialógica e sensível com a realidade estudada. A sua distinção fundamental reside na postura política e reflexiva que exige do autor, transformando a narração da experiência em um ato de conscientização e reinvenção da prática, em um movimento de autoformação.

### 3 Resultados e Discussão

A formação de professores tem se tornado cada vez mais um campo de interesse de diversos pesquisadores. Tal movimento se constitui numa tentativa de compreender e buscar caminhos que auxiliem na formação de docentes pautada na reflexividade crítica dos professores no que diz respeito à sua própria formação e a sua prática. É importante destacar que a disciplina foi desenvolvida a partir das análises críticas das teorias estudadas, em concomitância com às nossas experiências a fim de ressignificar as bases epistemológicas estudadas e analisar implicações sobre a formação do educador na contemporaneidade e sua relação com a profissão docente.



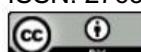


Durante esse semestre estabelecemos um diálogo com vários teóricos, dentre eles: André (1999), Arroyo (2021), Rios (2015, 2016, 2020, 2021), Freire (1997), Gatti (2019), Nóvoa (1995, 1999, 2009, 2011, 2017), Pereira (2016), Vicentini (2009), Xavier (2014), Ludke (2004), Macedo (2010), dentre outros. A dinâmica de estudo foi muito pontual, dentre as exposições participativas, desenvolvemos atividades grupais, análise e parecer das discussões dos textos teóricos.

A obra *Profissão Docente em Questão!* (RIOS, 2021, p. 39 a 57), trouxe a discussão da importância da decolonialidade e da educação intercultural no contexto dos movimentos pedagógicos entre Brasil e Colômbia, enfatizando a necessidade de uma educação que valorizasse a diversidade cultural, promovendo a justiça social e dialogando com as realidades locais, visando a emancipação dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Nesta mesma obra, Arroyo (2021) diz que a formação deve ser um espaço de reflexão crítica sobre as práticas docentes, promovendo a construção de uma identidade profissional e a valorização da diversidade. Este texto destaca a importância dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos (EJA) como espaços democráticos de articulação e discussão de políticas públicas, além de socializar experiências e promover a formação continuada dos professores. O Fórum Permanente da EJA do Recôncavo da Bahia é citado como exemplo de um espaço que promoveu ações significativas para a consolidação da política de EJA na região. Esse fórum tem sido um espaço de resistência e luta pela garantia do direito à educação para jovens e adultos, promovendo debates e ações que visam a melhoria da qualidade da educação oferecida a esse público. Desde sua implementação em 2009, tem realizado encontros, rodas de conversa e outras atividades que visam discutir e fortalecer as práticas educativas e políticas públicas em EJA e a participação de educadores, educandos, gestores e movimentos sociais têm sido fundamentais para o sucesso dessas ações.

Além disso, a obra *Profissão Docente em Questão* (RIOS, 2021) ressalta também a importância de uma formação que promova a autonomia dos professores, incentivando-os a serem protagonistas de suas práticas pedagógicas e a desenvolverem



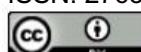


uma postura crítica e reflexiva. Afirma ainda que a formação deve ser um espaço de troca de experiências e construção coletiva de conhecimentos, onde os professores possam compartilhar suas vivências e aprender uns com os outros. A formação deve ser um processo contínuo, que acompanhe o desenvolvimento profissional dos professores e contribua para a melhoria da qualidade da educação.

O texto também aborda a importância da articulação entre a formação inicial e continuada dos professores da EJA, destacando que a formação inicial deve proporcionar uma base sólida de conhecimentos teóricos e práticos, enquanto a formação continuada deve possibilitar a atualização e aprofundamento desses conhecimentos ao longo da carreira docente. A formação dos professores da EJA deve estar alinhada com as políticas públicas e as demandas sociais, garantindo uma educação de qualidade para todos.

Em suma, este trecho do livro enfatiza a necessidade de uma formação específica e contínua para os professores da EJA, que considere as particularidades dos estudantes jovens e adultos, promovendo a construção de práticas educativas inclusivas e diversificadas. A leitura de Arroyo (2021) e o resgate da relevância dos Fóruns de EJA (como o do Recôncavo da Bahia), reacendeu em nós a memória da luta e da angústia sentida nos momentos de resistência política. Foi um reencontro visceral com a nossa identidade enquanto educadoras que se constroem na coletividade e na busca por uma educação que não se rende aos tempos de exceção, mas se afirma como direito e esperança.

Na obra *Professora sim, tia não*, Freire (2006) ressalta que educadores e educadoras são profissionais que, além de necessitarem de embasamento científico e de seriedade, devem demonstrar amor aos alunos e à profissão. É importante, também, que lutem por seus interesses, mostrando que é essencial dizer não à burocratização. Observamos que ser educador implica assumir uma profissão, não podendo ficar distante dos seus alunos, já que essa ausência dificulta o processo de ensino-aprendizagem.



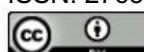


A defesa de Freire (2006) sobre a seriedade e o amor à profissão atingiu-nos profundamente, pois evocou o cansaço e alegria simultânea de nos vermos como sujeitos inconclusos que precisam da formação permanente para lidar com a dinâmica da vida. O diálogo proposto por ele não é apenas um método, mas sim o espaço de cura e de potência onde reencontramos o sentido da docência. Diante do exposto, verifica-se que Freire destaca a presença do diálogo na formação de professores, como também o trabalho coletivo, a interação, a troca de saberes, o desenvolvimento da autonomia e a reflexão sobre a prática no sentido de problematizá-la. Nesse sentido, para o desenvolvimento da docência, urge a apropriação de sólida formação teórico-metodológica fundamentada no pressuposto da teoria crítica da educação.

Dentre as grandes discussões em sala, entendemos que a docência, ao longo da história, construiu-se como uma profissão central para o desenvolvimento humano e social. No entanto, as rápidas transformações da sociedade contemporânea impõem novos desafios e ressignificações à prática docente, demandando que os educadores assumam papéis que transcendem a simples transmissão de conhecimento, envolvendo a construção de sujeitos críticos e participativos.

Gatti (2019), em sua discussão, no texto “A trajetória das políticas em formação de professores e professoras”, presente na obra *Professores do Brasil: Novos Cenários de Formação*, tratou sobre a definição e natureza das políticas educacionais; evolução das políticas no Brasil; políticas recentes e desafios persistentes; institucionalização e estrutura das formações; também, nesse mesmo texto, discutimos os aspectos das formações para professores e professoras em países da América Latina e Brasil, seus contextos e comparações regionais, políticas de formação continuada e estudos de referência.

Esses capítulos revelaram a complexidade e os desafios persistentes das políticas de formação docente, tanto no Brasil quanto na América Latina, e mostraram que, apesar de avanços normativos, há um abismo entre a formulação de políticas e sua implementação efetiva.





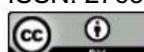
Fomos agraciada, também, com a leitura de Pereira (2017), em que pudemos refletir sobre a “*Estética da Professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor*”. O artigo explora as dimensões macro e micro da estética docente, destacando o impacto do contexto contemporâneo sobre a profissão e os professores. Na macrodimensão, ele analisa estruturas sociais, políticas e culturais que moldam e, muitas vezes, engessam a prática docente, gerando um mal-estar existencial e limitando a criatividade.

Já a micro dimensão enfatiza a subjetividade e a singularidade da prática docente, sugerindo que os educadores podem resistir às imposições institucionais por meio de práticas autorais e inovadoras, que desafiam normas estabelecidas. Essa abordagem incentiva os professores a “tornarem-se” continuamente em suas práticas, desenvolvendo um processo constante de recriação pessoal e profissional.

A reflexão sobre o mal-estar existencial presente na *Estética da Professoralidade de Pereira* (2017) ressoou como um eco de nossas próprias frustrações com as imposições institucionais da rede pública. Foi um convite a sentir e reconhecer que a resistência acontece no cotidiano da sala de aula, na capacidade de criarmos pequenas ‘poéticas’ pedagógicas que afirmam a nossa subjetividade e autoria.

O texto relaciona estética e formação docente ao propor que a educação não se limite à transmissão de conteúdos, mas seja um espaço de experimentação, criação e transformação, onde os professores atuem como agentes reflexivos e criativos em meio às contradições do sistema educacional.

Como propulsor de conceitos que giram em torno da formação de professores, Nóvoa (2017) com os seus textos que compõem a obra “*Formação de professores e trabalho pedagógico*”, têm o mérito de destacar aspectos importantes que nos fazem refletir sobre formação e trabalho docente. Essa obra faz considerações essenciais acerca da temática da formação de professores, tecendo ponderações sobre a prática reflexiva e dando realce a diferentes aspectos do desenvolvimento profissional docente e do trabalho pedagógico. Os artigos apresentados propiciam uma leitura densa, mas de fácil entendimento, possibilitando novos olhares sobre os processos formativos e





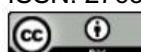
sobre o trabalho docente. Trata-se, pois, de uma obra que deve ser recomendada a professores e demais atores que se encontram inseridos no processo educacional, pois desperta a curiosidade epistemológica e, assim, recomendo sua leitura mesmo reconhecendo que o contexto de sua produção tenha características diferentes da brasileira.

## 4 Considerações Finais

A partir das reflexões propostas pela ementa do componente curricular “Formação do Educador”, destacamos a importância de um olhar atento às dimensões sócio-históricas e políticas que configuram a profissão docente no Brasil. A profissionalização docente deve ser compreendida não apenas como um processo técnico, mas como uma construção identitária permeada por narrativas, práticas decoloniais e articulação em redes e coletivos. Esses elementos reforçam a necessidade de um engajamento ativo na luta por condições dignas de trabalho e reconhecimento profissional.

Portanto, a tomada de consciência, tanto nas relações de ensino e de aprendizagem, quanto na práxis social, ocorre por meio de uma relação dialógico-problematizadora. Isso significa que, quando o ser humano questiona o seu “estar no mundo”, seu “lugar no mundo”, ele também questiona o porquê, mas não sozinho, e sim entre outros sujeitos, na organização, mesmo que incipiente e tímida (Freire, 2011; 2019). Ao se questionarem, os sujeitos se (re)posicionam e se auto-organizam para (des)organizar o que está posto e a própria história (Freire, 2011).

É importante destacar que o cenário atual exige uma formação docente que dialogue com a complexidade do mundo contemporâneo e que valorize práticas reflexivas e colaborativas. A formação inicial e continuada torna-se, assim, um processo essencial para o desenvolvimento de uma prática educativa comprometida com a diversidade, a equidade e a transformação social. É nesse contexto que a educação





permanente assume protagonismo, integrando saberes teóricos e práticos e promovendo uma atuação docente fundamentada em perspectivas críticas e éticas.

Ao concluirmos esta Carta Pedagógica, compreendemos que o ato de narrar nossa experiência não foi apenas um relato, mas a própria concretização da autoformação proposta pela disciplina. A escrita, carregada de memória e afeto, permitiu-nos reelaborar sentidos, reforçando o compromisso de nos posicionarmos como educadoras que, em rede e pelo diálogo, questionam o seu ‘lugar no mundo’. Esperamos que esta partilha possa, da mesma forma que as leituras deste semestre, incitar o forte desejo de lutar constantemente para que nossas práticas sejam pautadas no diálogo, no respeito às diferenças e no compromisso inegociável com a aprendizagem transformadora.

## Referências

ANDRÉ, Marli. Estado da arte sobre formação de professores no Brasil. **Revista Educação & Sociedade**, nº 68, dezembro/99, p. 301-309. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/TJLC6dqDhsWxMMmYs8pkJJy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 Jan. 2025.

ARROYO, Miguel. Tempos de Exceção? Que identidades docentes e educadoras reafirmar? In: RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Profissão docente em questão**. Salvador: EDUFBA, 2021.

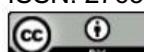
DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. A construção do campo da pesquisa sobre formação de professores Júlio Emílio Diniz-Pereira. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 145-154, jul./dez. 2013.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não! Cartas a quem ousa ensinar**. SP: Edições Loyola, 1997.

GATTI, Bernardete Angelina e BARRETO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza D. Afonso de; ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri. (Orgs.). **Professores no Brasil: novos cenários da formação**. Brasília: UNESCO, 2019.

LAW, Martin. Os Professores e a Fabricação de Identidades. **Curriculum sem Fronteiras**, v.1, n.2, pp. 117-130, Jul/Dez 2001. Disponível em:

Revista Conexão ComCiência,  
Fortaleza, n.1, v.6, e16673, 2026  
ISSN: 2763-5848



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol1iss2articles/lawn.pdf>. Acesso em: 26 Jan. 2025.

LOUREIRO, Carlos. **A docência como profissão: cultura dos professores e a (in)diferenciação profissional**. Porto: Asa Editora, 2001.

NÓVOA, Antônio (Org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1999.

NÓVOA, Antônio (Org.). **Os professores e a sua formação**. 2<sup>a</sup> ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da Professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor**. Santa Maria: Ed. Da. UFSM, 2016

RAMALHO, Betania Leite. NUNEZ, Isauro Beltran; GAUTHIER, Clermont. **Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. Modos de habitar a profissão docente: estado da arte das pesquisas na Bahia. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 38, n. 4 p. 01-24, out./dez. 2020.

RIOS, Jane Adriana V. P. **Profissão docente na roça**. Salvador: EDUFBA, 2015.

RIOS, Jane Adriana V. P. **Profissão docente em questão!** (Org.) Salvador: EDUFBA, 2021.

RIOS, Jane Adriana. Organizador (org). **O que narram os/as pesquisadores/as e estudantes de pós-graduação do DIVERSO? Experiência pedagógica da profissão docente (volume 2)**. São Carlos - SP: Pedro e João editores, 2022.

SABINO, Isabel et al. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Liber Livro, 2009.

VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosario Genta. **História da profissão docente no Brasil: representações em disputa**. São Paulo: Cortez, 2009.

XAVIER, Libânea Nacif. A construção social e histórica da profissão docente: uma síntese necessária. **Revista Brasileira de Educação** v. 19 n. 59 out.-dez. 2014.

Disponível em:

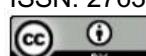
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/nPMpCfpNpMQjnNxnzJMmkQP/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 24 Jan. 2025.





Revista Conexão ComCiência,  
Fortaleza, n.1, v.6, e16673, 2026  
ISSN: 2763-5848



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](#)  
[Atribuição 4.0 Internacional](#).